


**DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL: O GAÚCHO A PÉ NA AMÉRICA
LATINA**

**SOCIAL AND CULTURAL DEVELOPMENT: THE GAÚCHO ON FOOT IN LATIN
AMERICA**

Recebido em: 20/06/2023

Aceito em: 20/07/2023

Juliana Porto Machado¹ 

Sirlei de Lourdes Lauxe² 

Resumo: O artigo aborda a trilogia Gaúcho a pé, escrita por Cyro Martins, que retrata a transformação do peão montado em um gaúcho a pé, percorrendo novos caminhos em meio às mudanças sociais no espaço rural e urbano. O autor desconstrói a imagem tradicional do gaúcho valente e feroz, apresentando personagens que vivem em um mundo de incertezas e desigualdades. A identidade do gaúcho é discutida como uma construção social, relacionada ao senso de pertencimento a uma comunidade imaginada, onde força, habilidade com o cavalo e coragem são características valorizadas em meio ao desenvolvimento sociocultural. Essa identidade foi utilizada em discursos políticos e sociais, mas também foi moldada de acordo com os interesses dos grupos dominantes. O objetivo do artigo é refletir criticamente sobre a presença dos peões tropeiros na formação do Rio Grande do Sul, com foco na cidade de Cruz Alta, e a transformação desses peões em gaúchos a pé. A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica sobre temas como peões tropeiros e a identidade do gaúcho a pé.

Palavras-chave: Peão; Cruz Alta; Desenvolvimento Social e Cultural.

Abstract: The article discusses Cyro Martins trilogy Gaúcho a pé, which depicts the transition of mounted peões (cowboys) into gaúchos a pé (cowboys on foot), navigating through social changes in rural and urban spaces. The author challenges the traditional image of the fearless and fierce gaúcho, presenting characters who live in a world of uncertainties and inequalities. The concept of gaúcho identity is explored as a social construct tied to a sense of belonging in an imagined community, where strength, horsemanship, and courage are valued traits in the midst of socio-cultural development. This identity has been employed in political and social discourses, but has also been shaped according to the interests of dominant groups. The objective of the article is to critically reflect on the presence of peões tropeiros (traders) in the formation of Rio Grande do Sul, with a particular focus on the city of Cruz Alta, and the transformation of these peões into gaúchos a pé. The methodology employed involves a literature review on topics such as peões tropeiros and the identity of the gaúcho a pé.

Keyword: Peão; Cruz Alta; Socio-cultural development.

INTRODUÇÃO

A migração para o espaço urbano é um fator de compartilhamento entre os peões³ do

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta-RS. E-mail:julianamachado209@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta-RS. E-mail:slauxen@unicruz.edu.br

³ Peão é o sujeito que exerce o trabalho no campo, no espaço rural, principalmente na área da pecuária, junto ao cavalo. Neste artigo, o peão e o tropeiro serão considerados sinônimos.

Alto do Jacuí. O campeiro que se movimenta do campo para a cidade acaba, por meio de suas vivências, transformando esse outro lugar, reinventando-o em meio às passagens do tempo.

O peão campeiro que passou grande parte de sua vida exercendo um trabalho que imprime diretamente a força física e que estabelece uma ligação profunda com as lidas do campo, principalmente com o cavalo, acaba por buscar manter um vínculo com o conhecido, criando cavalos para monta de passeio (cavalos de cocheiras)⁴.

Em dia de festejo, o peão campeiro, que habita a cidade, prepara seu aparato de monta e transforma suas memórias do lugar, o tempo e o espaço entre o rural e o urbano se confundem e se completam. O cavalo, então, torna-se o tento⁵ de ligação entre os lugares vividos e os lugares em que vivem, as identidades sendo constantemente ressignificadas do campo para a cidade.

O peão passa a ser elemento de composição da paisagem urbana, junto à movimentação cotidiana de fluxos de veículos motorizados e o ir e vir dos transeuntes em suas rotinas, em meio às edificações de concreto. Na cidade de Cruz Alta, é costumeiro visualizar um peão e sua monta a um trote leve, ou, ainda, utilizando de suas charretes⁶ para passeios e a trabalho⁷.

Nessa região, encontram-se muitos cavalos palanqueado com cordas longas em estacas, para pastarem em terrenos baldios no perímetro urbano. Não humanos e humanos seguem dividindo os lugares, assim como no campo. A paisagem que alinhava o campo e a cidade se constrói em meio às trocas que ocorrem entre pessoas, lugares e cavalos (NETO, 2012).

Na literatura temos a trilogia do Gaúcho a pé, de autoria de Cyro Martins, composta pelas obras *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954). Cada obra apresenta uma individualidade que se complementa em meio às transformações do peão montado que passa a ser um gaúcho a pé, que trilha novos caminhos em meio às mudanças sociais do espaço rural e da zona urbana. O autor desconstrói a identidade do gaúcho tradicional, o feroz e valente centauro do Pampa, que percorre os campos sem fim e apresenta personagens que vivem num mundo de incertezas, nas malezas que cercam o campo e suas desigualdades.

⁴ As cocheiras são o espaço que o proprietário do cavalo aluga mensalmente para seu cavalo ficar, principalmente pelo fato de residirem na zona urbana e não possuírem espaço para o cavalo em suas casas.

⁵ Tira fina de couro cru, utilizado no preparo de tranças.

⁶ As charretes são também utilizadas como veículo de trabalho, como frete, ou, ainda, utilizado pelos agricultores que vêm à cidade para comercializar o leite e as verduras que produzem. E em alguns casos, para procurar materiais recicláveis.

Partindo do pressuposto de que a identidade do ser do Pampa está diretamente vinculada ao pertencimento, a uma ideia de comunidade imaginada, em que se criam memórias fortes e códigos simbólicos para personificar o sujeito ideal, o gaúcho deve possuir força, habilidade com o cavalo e coragem (ANDERSON, 2008).

Esse ser gaúcho contribuía para a criação da ideia de uma única identidade, que poderia ser utilizada em discursos daqueles que tinham o poder político e social da época. Em consequência a isso, o autor afirma que os grandes conflitos que ocorriam se apresentavam com base nesse imaginário criado, que era constantemente transformado de acordo com os interesses daqueles grupos que estabeleciam as regras e ditavam as ordens, os donos das terras.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo realizar uma reflexão crítica sobre a presença do peão tropeiro na formação do Rio Grande do Sul, com foco na cidade de Cruz Alta, que compõem o Corede Alto do Jacuí⁸, pensando na figura desse sujeito que exerceu o trabalho de desbravar os campos e transformar a paisagem rural. E que por fim, se tornou o gaúcho a pé. A metodologia aplicada foi revisão de bibliográfica sobre os temas basilares desse artigo: o peão tropeiro e a identidade do gaúcho a pé.

A CIDADE CRUZ ALTA

O atual município de Cruz Alta, anterior Divino Espírito Santo de Cruz Alta, tem sua fundação em uma miscelânea com a História do Estado do Rio Grande do Sul, a presença do peão tropeiro e do gado vacum são os elementos de sua composição. Será no ano de 1833 que Cruz Alta passa a ser reconhecida como cidade, seu surgimento remonta ao nascimento de um pequeno povoado, no período da colonização das regiões da América Latina, principalmente no Sul do Brasil, com a vitória dos conquistadores portugueses sobre os espanhóis, em disputas territoriais durante o século XVII. Nesse recorte temporal, os grupos étnicos que habitavam essas paragens contavam com um espaço natural e propício para a produção agrícola, com excelente aguada, com forrageiras de características perenes e rasteiras, acompanhadas de diferentes grupos de árvores, a paisagem era composta de homens, animais, rios e campos, o que tornava esse lugar estratégico para sua ocupação (ZAMBELAM *et al*, 1989).

⁸ O Corede Alto Jacuí (Conselho Regional de Desenvolvimento Alto Jacuí) é uma entidade que engloba diversos municípios da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, incluindo a cidade de Cruz Alta. O Corede Alto Jacuí tem como objetivo promover o desenvolvimento econômico, social e ambiental da região, através de ações integradas entre os municípios e a participação da sociedade civil.

Assim como os demais territórios, esse lugar passa a ser elemento integrador da economia central do Brasil, principalmente por meio da exploração da pecuária, que era uma atividade de fácil aplicabilidade pois, as condições naturais favoreciam o bom desenvolvimento dos rebanhos bovinos. Cruz Alta, devido a sua localização geográfica era de extrema relevância no caminho do gado gaúcho.

Em meados do século XVIII, o império português inicia o processo de imigração⁹, enviando açorianos para se estabelecerem em Cruz Alta, esses recebem terras da coroa para iniciarem suas produções, voltadas ao cultivo e criação de animais. Se estima que em média uma família açoriana recebia entorno de novecentas hectares de terra para formarem suas colônias.

No ano de 1894, temos um alavancamento econômico da região de Cruz Alta, quando essa torna-se um dos importantes entroncamentos do movimento das ferrovias do Sul brasileiro. Se destacando pelo alto fluxo de circulação de pessoas e mercadorias, os trens passam a ser o meio de transporte indispensável, assim como outrora fora o cavalo. Até o século XX o modelo de produção é o agropecuário, no entanto há de se destacar que a produção agrícola ainda tem baixo investimento de técnicas e insumos, sendo voltada para a subsistência. Gerando dessa forma, uma baixa produtividade e impacto econômico, diferente da produção ganadeira que influencia positivamente na geração de recursos.

Como aponta Zamberlam *et al* (1980), nos anos 50 a pecuária correspondia a mais de 80% do meio agrário e as lavouras acima de 10%. A população residia em sua maioria no espaço rural. Apesar da predominância agropecuária, Cruz Alta possuía outros setores de produção, como as indústrias que auxiliavam em mais de 15% na composição da geração de renda do município.

Vemos o desmantelamento industrial de Cruz Alta, nos anos 80, correspondendo a um resultado menor a 4% na renda. Diferente do que estava ocorrendo no Estado como um todo, em que a zona industrial tinha um impacto econômico significativo. Outro ponto de transformação será o crescimento das rodovias, que causa a diminuição de investimentos nas ferrovias, ocasionando no século XX, a Cruz Alta, a perda de sua relevância como entroncamento ferroviário e conseqüentemente sua importância econômica nesse setor.

⁹ Lembrando que a região do Estado do Rio Grande do Sul, era formado por diferentes grupos étnicos indígenas, povos escravizados e tantos outros. No entanto, nosso objetivo é apenas fazer uma breve consideração acerca da fundação de Cruz Alta.

Como em toda a ação e demanda, será com o declínio de um setor o alavancamento de outro, pois em 1950, Cruz Alta, passa a investir significativamente no desenvolvimento da cultura do trigo e mais tarde, na soja, que irá transformar a paisagem e ser o principal produto econômico da cidade, na intitulada por alguns pesquisadores, Revolução Verde¹⁰, que basicamente consistiu na transformação dos modelos de técnicas, insumos e maquinários utilizados no desenvolvimento da agricultura em grande escala. Como também, se modifica simbolicamente as formas de se relacionar socio-culturalmente com a produção, o saber fazer de modelo de produção familiar foi substituído pela mercantilização da força de trabalho assalariado.

Para Zamberlam *et al.* (1989), a Revolução Verde, tem seu cerne calcado em uma agricultura predatória que tem por função social a produção massiva de alimentos, visando exclusivamente a geração de lucros, não será apenas para a subsistência e o consumo de núcleos familiares. O autor irá considerar a divisão desse período em dois momentos, sendo o primeiro durante 1950 a 1965, em que ocorre o apagamento do peão colono, já que esse não consegue acompanhar o desenvolvimento tecnológico e a modernização do processo agrícola.

Essa figura histórica será substituída pelo chamado granjeiro, o detentor de terras e dos recursos financeiro, com uma visão capitalista da produção. O granjeiro, se difere da figura do patrão de estância, pois esse ainda mantinha relações tradicionais com o peão colono. O granjeiro é de outra cepa social, representando o sujeito abastado e com domínio de conhecimento dos códigos será “industriais, comerciantes, profissionais liberais (médicos, advogados, juízes, engenheiros, etc) representando a classe mais esclarecida” (p.76). Eles iram, ocupar as terras do peão colono, adquirindo-as por meio da venda, e assim possuindo grandes pedaços de terras. O peão colono acaba se estabelecendo na “periferia das cidades, como é o caso de Cruz Alta” (p.76).

Nos anos 60 se desencadeará o segundo momento apontado pelo autor e será mais expressivo no ano seguinte, no qual, busca-se inserir o peão colono selecionado de forma alternativa no modelo de modernização do campo, dessa forma de inclusão seletiva não apaga a exclusão massiva desse sujeito social. Destaca-se que a nova relação do homem com o

¹⁰ É importante mencionar que o modelo de agricultura predatória e focado na produção massiva de alimentos para exportação, como destacado no texto, é alvo de críticas por suas consequências socioambientais negativas, como o desmatamento, a poluição dos rios e a intoxicação de animais e pessoas.

campo irá causar modificações ambientais e socioeconômicas, que de forma negativa transformam a paisagem natural.

A concentração das melhores áreas de terra vão passando para as mãos de uma nova classe de médios e grandes produtores ou empresários agrícolas. Tal processo acentuou o êxodo rural. A policultura tradicional é praticamente substituída pela monocultura – trigo e soja, esta consorciada com o milho – produtos de exportação do município. A modernização modificou paisagens, o boi foi substituído pelo trator. O machado pela moto-serra. Matas são derrubadas e terras destocadas. O aumento da fertilidade é obtido pelo calcário e adubação química. Os inseticidas envenenam as plantas que, após cada chuva, vai acabar poluindo os rios e acabando com a fauna e flora. Anualmente, grande quantidade de áreas férteis vai se acumulando no fundo dos rios. A intoxicação de animais, de alimentos e de pessoas aumenta consideravelmente (ZAMBERLAM *et al*, 1989, p.77).

Nesse caminho das transformações do campo, visando no sistema capitalista teremos a participação direta de instituições bancárias públicas, como o Banco do Brasil, atuando no financiamento dessa atualização agrícola em uma estruturação de empresa. Por conseguinte, inicia-se o surgimento de cooperativas agrícolas que se estabeleciam por disponibilizar assistência profissional e auxiliavam na efetivação de um fluxo de armazenagem, comercialização, infraestrutura, orientações agroindustriais, além de outros serviços de apoio aos seus associados. Esse tipo de organização local, será abalada nos anos 90, com a inserção de empresas privadas e multinacionais de fora da região. Logo, Cruz Alta, terá o desmantelamento da Cootricruz¹¹, que é englobada por outras cooperativas, juntamente com a Transnacional Bunge¹². Em consequência, temos o crescimento acelerado e desorganizado do espaço urbano do município, com 90% ocupando esse.

Esse tipo de mobilização urbana, ocorre pela necessidade do lugar, desprovidos de terras o peão colono junto a seus familiares, não possuem mais meios que consigam prover o sustento. E por outro lado, com o crescimento urbano há o desenvolvimento de diferentes serviços públicos de qualidade o que irá ocasionar a vinda de outros sujeitos de regiões próximas em busca de melhores condições de vida, já que Cruz Alta se destacava por sua economia urbana, com um alto índice de oferta de empregos.

Em retomada aos anos 80, Cruz Alta perde território com a procura de outras regiões em serem independentes em suas gestões. O que impacta na geração de receita e aumenta

¹¹ Cooperativa Agroindustrial Cruz Alta.

¹² Empresa transnacional, que atua na área de agronegócios e alimento.

gradualmente a miséria nas zonas periféricas. Nesse interim da passagem do tempo no período que se estende até o final dos anos 90, temos a diminuição expressiva da população de Cruz Alta devido à falta de emprego. Esse fato não é isolado, acaba por atingir grande parte do Estado, com foco em regiões em que a o peão colono é expulso de seu lugar e a produção agrícola empresarial o substitui com a mão de obra mecanizada. Atualmente, a agricultura em grande escala, principalmente da soja é a maior geradora de valores econômicos da cidade. Nisso, o antigo peão divide seu lugar entre o asfalto e a soja.

A PERDA DO CAVALO

Retornamos ao ponto em que o peão modifica a paisagem rural, nota-se que, no período histórico entre os séculos XIX e XX, no Rio Grande do Sul, as guerras e revoluções eram reforçadas pelo discurso de manutenção da identidade e da tradição, o pertencimento ao lugar. Os sujeitos que iam aos campos de batalha em linha de frente carregavam consigo esse ideal identitário (ANDERSON, 2008).

Em *Sem rumo* (1937), de Cyro Martins, somos apresentados a Chiru que personifica a busca pela identidade local, que se apresenta fragmentada em meio às tragédias e violências causadas pelo Outro, aquele que tem mais poder de mando e de terra. O sujeito passa a questionar suas tradições e suas identidades de homem no cenário do Rio Grande do Sul, frente às mudanças sociais da pós-modernidade.

O jovem Chiru vive na fazenda de seu padrinho Nicanor Ayres, sempre perambulando pelos campos de forma imprudente. Em seu universo narrativo, tem-se o personagem do capataz Clarimundo e sua família, o velho João Antônio e o peão Velásquez, caracterizados como sujeitos que se sentem impotentes frente às dificuldades da vida social, sem expectativas de mudanças nos seus modos de vida, mas possuidores de uma relação homem e natureza.

[...] Chiru meio dormia, lembrando, inventando, viajando léguas, correndo o mundo como o Joãozinho que siá Catarina contava..., mas voltava ligeiro para perto de si mesmo, para junto do gado de osso e dos cavalos de pau, assustado do que vira, longe, pelas distâncias desconhecidas, desdobrando-se dos trapos enormes de sonhos que ficavam para trás [...]

Quando Chiru chegou ao baixo, apesar do sol alto, só nos corguinhos estreitos a água corria. No mais, nos poços quietos, nas pisadas dos animais nos banhadinhos onde houvesse água parada, a superfície era um vidro, reluzindo ao sol. A cada pisada do petiço, estralejava um ruído de caquero de garrafa. O campo todo era um lençol. Só nos altos começavam a verdejar os pastos, mas de um verde descorado, de folhas queimadas. Nas ladeiras, as reses magras ainda mascavam, deitadas, o pasto comido

na véspera. Muitas não levantariam mais. Outras, com um impulso na cola, talvez. Nada no campo se movia. Nem as árvores solitas - um umbu de tapera no topete da coxilha, o espinilho de tronco liso e fino da cabeceira da sanguinha e o mata-olho do fundo do potreiro grande. Estavam estaqueadas no ar, mais delgada a silhueta, a ramaria mais distante do chão, não serviam de abrigo a ninguém, nem a homens nem a animais. No que varou a sanga, Chiru galopeou. Ao coroar a coxilha, encontrou os colegas, gurizada da vizinhança, campeira e alarife como ele. Até o colégio, foi um surumbumba, correndo carreiras e califórnia, esquecidos do frio. Chegaram. Casa fechada. Seu Maneco ainda dormia, como era comum. Aglomeraram-se no oitão batido de sol. A geada levantava mansinha, sem vento (MARTINS, 1977, s/p).

No acompanhamento da trajetória de Chiru, temo-lo produzindo seu mundo imaginário de guri, com foco em um futuro promissor. Na passagem do tempo, temos Chiru se juntando ao plantel de peões da Estância Silêncio, que pertence a seu padrinho, quem acaba falecendo, e sua morte traz consequência na vida daqueles que compartilham o contexto da estância, principalmente pela forte violência desencadeada em que o capataz Clarimundo passa a agredir fisicamente Chiru.

Em meio a esse cenário de dor e tristeza, Chiru escolhe por deixar a Estância Silêncio, em meio a uma fuga sem destino. Em um primeiro momento ele reflete sobre as possibilidades de se juntar às tropas que lutavam na Revolução, porém, devido a não saber sobre suas origens, desiste. Em todo caso, “se chegasse a vez, não desmentiria a raça. [...] Raça? Quem seria o seu pai? Um índio guapo, talvez, um índio vago... Se lhe perguntassem na coluna o nome do seu pai, o que responderia? Diria a verdade?” (MARTINS, 1937, s/p). O jovem Chiru parte sem rumo, traçando um caminho de sonhos e glórias infantis.

Na esfera de novos desafios, vemos o personagem trabalhando em diversos serviços, e sempre dividido em abandonar ou não o campo para se fixar na cidade. No curso de sua vida, após alguns anos, surge Alzira, moça jovem, que também era despossuída de bens. Juntos, no lombo de um cavalo emprestado, eles encontram uma velha tapera, onde decidem fixar-se. A personagem Alzira não se sente feliz na inóspita e humilde tapera, localizada às margens do rio Quaraí, na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai.

Ao longo da história, Chiru vive sempre questionando suas escolhas e sua identidade. Com a espera do primeiro filho, vemos o casal em situação precária; Chiru exerce o ofício de boteiro em idas e vindas nas águas do rio Quaraí. O momento de leveza é marcado com as idas do personagem ao bolicho do senhor Lopes, confraternizando com os moradores locais, que se juntavam para as apostas nas carreiras de cavalo, nas canchas retas, em meio a tragos de cachaça. Nesse cenário, surge o personagem do doutor Rogério, que tinha uma visão humanista

da sociedade e buscava compartilhar suas ideias revolucionárias, de homem da capital gaúcha. No adiantar da história, ele será o candidato da oposição. Ao conhecê-lo, Chiru aprecia suas ideias, porém é compelido a dirigir seu voto ao partido da situação.

Em uma cena de sepultamento de um vizinho, percebe-se Chiru impaciente, quando ele escapa e parte até o lugar em que ocorre o discurso de comício do então candidato da oposição, Dr. Rogério. Apesar de sentir a ameaça que o persegue, Chiru sente-se renovado com as promessas de melhoria na vida do trabalhador. Em seu retorno ao velório, acaba por saber que um vizinho o seguiu a mando do senhor Lopes, e passa, então, a ter um forte temor de ser denunciado por ter participado do comício do opositor. No entanto, rememora que o voto é um ato privado. No outro dia, sente a represália pelos seus atos: seu pequeno barco não se encontra no lugar de sempre.

No dia da eleição, ele recebe documentos espúrios, trajes novos, sendo acompanhado de automóvel para votar no candidato do senhor Lopes. Todavia, por ser algo que estava fora de sua realidade, ele acaba por ficar atordoado e direciona seu voto ao candidato opositor, tal feito é acompanhado de perto pelo cabo eleitoral que o levará até o lugar de votação. Como consequência de seus atos, vemos Chiru e sua família novamente sem rumo, andejando pelas imensidões de terras do Rio Grande, pois perdeu seu emprego de boteiro. Em meio ao sentimento de solidão, a tristeza e perdas, Chiru consegue um emprego para construir a estrada férrea, para o governo; no entanto, pelas artimanhas da vida, o capataz da construção acaba por ser Clarimundo, que o demite, tendo como base que Chiru era um sujeito perigoso, revolucionário, pois direcionou seu voto ao partido da oposição. Ao seu fim, o autor nos mostra um jovem Chiru cheio de esperanças que, ao adentrar a vida adulta, torna-se oprimido, ferido, humilhado e sem dignidade, sem forças, entregue a um estado de inércia, sem perspectivas de mudar o rumo de sua vida.

Na segunda obra, *Porteira Fechada* (1944), temos a centralidade voltada para o comerciante Capitão Fagundes, descrito como simplório, residente de uma cidadela nas fronteiras do Rio Grande do Sul. Na sequência de cenas, Fagundes surge debruçado sobre o balcão de seu estabelecimento, quando observa a passagem de um séquito fúnebre, sendo que mais tarde descobre que o falecido era seu conhecido, o compadre João Guedes. Em um retorno temporal, o autor nos leva ao passado, e mostra João Guedes ainda vivo, junto à sua família, realizando os afazeres da lida do campo. Esse cenário de tranquilidade rompe-se com a chegada

do latifundiário Júlio Bica que adquiriu a terra que Guedes e sua família até então arrendavam, solicitando a desocupação imediata, pois buscava criar uma boa invernada e, assim, os rebanhos passaram a ocupar o lugar do trabalhador campesino. Sem ter como permanecer nesse lugar, Guedes e seus familiares migram para o centro urbano de Boa Ventura.

Em um jogo temporal, o autor intercala um momento de retomada ao presente, no cortejo fúnebre de Guedes e seu passado, na desapropriação de seu lugar e na chegada a cidade. Em outra cena da realidade vivida pelo homem do campo, temos uma *charla* entre Guedes e sua companheira, que apresentam a informação sobre o suicídio do senhor Bento, antigo proprietário das terras que arrendavam, sendo que Bento estava em débito com o latifundiário Júlio Bica. Descobre-se, então, que o latifundiário tomou posse das terras e não as comprou, desencadeando o término da vida do arrendador das terras.

Em meio às tristezas e aos pesares pela morte do senhor Bento, conhece-se um pouco sobre a história do comerciante Fagundes, que fora ludibriado por políticos e, também, pelo Coronel Ramiro, que lhe concederá a patente de Capitão. Dessa forma, fica claro que Fagundes é um sujeito pobre, que foi obrigado a abandonar o campo, devido a não possuir poder de aquisição. O campo cada vez mais torna-se empobrecido em meio as cabeças de boi.

A saída do campo, por Guedes e sua família, torna-se envolta a um momento de expectativa, pela busca de melhoria de vida. Eles são recebidos por uma prima de sua companheira, a prima Querubina, que representa o oposto dos empobrecidos parentes, ostentando um elevado grau de riqueza. Com as parcas finanças que possui, Guedes aluga uma morada modesta para ele e sua família. Acompanham-se, então, os desafios do homem do campo em se adaptar à rotina da cidade. Na busca por amenizar os pensamentos em torno dos apertos econômicos, vemos Guedes e outros moradores juntarem-se no boliche de Fagundes, para compartilhar suas memórias e beber.

No ciclo do tempo, esse vai passando e consigo trazendo mais percalços ao homem do campo, que acaba em um depauperamento moral e financeiro ao migrar para o espaço urbano. Nesse ínterim, a família de Guedes sofre com muitas agruras. Na situação de desespero que estavam vivendo, Guedes passa a cometer furtos de ovelhas, nas estâncias das proximidades. Um de seus furtos ocorre nas terras de Júlio Bica, quando acaba por ser encarcerado. Em seu auxílio, seu filho solicita ajuda à prima Querubina, que não lhe dá importância, e, assim, Guedes acaba por se acostumar a uma nova rotina, a de prisioneiro. Após sua soltura, vive momentos

de puro sofrimento como a falta de alimento e com a perda da filha que foi acometida pela tuberculose.

Em um rompante, que quebra seu último laço com sua antiga vida de campeiro, Guedes decide vender seus arreios. Sem ter mais para onde recorrer, em um mar de profunda dor e desesperançado, o personagem acaba por tirar sua própria vida, ao enforcar-se. Nesse momento, passado e presente se fundem no funeral de Guedes. De forma crua, o autor apresenta um cenário marcado pelas injustiças que o trabalhador campesino sofre, ao perder o lugar que ocupa para os grandes rebanhos:

[...] Que engorde dava aquela invernada! Para um fim de safra, então, já com caídas para o inverno, não havia campo que se igualasse. Seiscentos novinhos pastavam folgadoamente entre as altas cercas de sete fios e madeirame de lei que a tapavam. O sol entrou sem grandes esplendores. A noite caiu suavemente. Que paz naqueles campos (MARTINS, 1944.)

Em *Estrada Nova* (1954), o autor nos leva a conhecer diferentes personagens, cada um com suas qualidades e defeitos. Em uma sequência, surge Ricardo, que vem do campo e se fixa na cidade; seu pai, Janguta, que com a idade já avançada examina constantemente o tempo que se dedicou ao trabalho no campo e a vida de privações que leva; e, em seguida, surge o orgulhoso Coronel Teodoro, que representa o grande estancieiro, senhor respeitado por todos.

Centrado em Ricardo, vemos quando vai visitar sua paupérrima família que ainda reside no campo e o reencontro com conhecidos que lá permaneceram. Assim como em *Porteira Fechada*, temos o momento em que o Coronel Teodoro adquire as terras arrendadas por Janguta, e pede a posse imediata. Indignado com tal situação e tomado pela influência dos discursos comunistas que ouvira na cidade, Ricardo, sem autorização de seu pai, parte para um confronto com o Coronel Teodoro.

Ao chegar à Estância Velha, Ricardo apresenta seus argumentos contra os mandos e desmandos tirânicos do Coronel, voltado à camada mais humilde da região. O embate mostra duas realidades que convergem em direções opostas: o Coronel associa o discurso fervoroso de Ricardo aos rumores que ouvira pelo rádio, de um conciliábulo comunista que andara ocorrendo na região de fronteira entre Uruguai e Brasil; Teodoro apresenta uma reação de surpresa, ao perceber que sua autoridade passou a ser questionada por um elemento da cidade e não por um gaúcho de verdade, que nem veste ao menos as bombachas. Essa situação de conflito faz com que o Coronel Teodoro articule junto aos seus parceiros políticos uma caçada a um tal

comunista, que anda pelas redondezas e que ameaçou suas terras, sendo esse Ricardo. O autor expõe que o personagem Coronel Teodoro não compreende de fato a notícia que ouviu pelo rádio e acaba criando diversas suposições sobre Ricardo fazer parte do movimento comunista. Percebe-se que o novo é algo que abala o já estabelecido e sempre causa temor.

A queima de uma invernada, uma situação acidental causada por Ricardo, reforça as suspeitas do Coronel, que busca de todos os jeitos prendê-lo. No mesmo dia desse incidente, o velho Imbu descansa por terra. Esse momento é simbólico, pois a árvore representava o poder da Estância Velha, fazendo com que Teodoro reflita sobre suas ações e os caminhos futuros da Estância. Após os ocorridos, o personagem Ricardo se ausenta da história, e o autor não explica se o mesmo é culpado pelos eventos ocorridos na estância.

Em uma intercalação de personagens, somos convidados a conhecer o núcleo de políticos próximos ao Coronel Teodoro, e se percebe o jogo de interesse e manipulação praticado por esses, que se utilizam da alienação da população para criar uma situação de temor à invasão comunista, na região, e conseguir benefícios para si próprios. Temos a figura do deputado estadual Doutor Serafim, que surge como um facilitador entre a força policial, com artimanhas para que policiais possam subir de postos ao prenderem os malfadados comunistas. Na criação dessa situação de terror, tem-se a participação de assessores desonestos, que começam a soltar rumores sobre uma suposta Revolução. Concomitante a isso, a cidade, que até então era mergulhada um cotidiano imutável, conta com a presença de um Bispo que está de passagem pela região.

Em meio a esse rebuliço de novidades, para que o plano fosse eficiente aos envolvidos nas tramoias da suposta invasão comunista, há a necessidade urgente de prender os criminosos, porém, com Ricardo sumido, só lhes resta prender seus familiares, a mãe, o pai e a irmã que possui uma doença mental. Em uma demonstração de poder e ao mesmo tempo injustiça, a família passar a ser intitulada como agentes de Moscou, em referência ao regime comunista da Rússia.

Em mais uma demonstração de poder, a polícia encaminha a família até a Estância Velha, para exibí-los a todos e a notícia percorre a cidade. No entanto, neste momento, o Coronel Teodoro nota que fora manipulado e que é mais um peão no jogo dos políticos e policiais, que acabaram por se beneficiar de toda a situação do incêndio da invernada. No tocante ao personagem de Ricardo, esse ressurgiu após a prisão de sua família – ele estava se

protegendo na residência do prefeito da cidade, expondo, assim, que o prefeito não faz parte do grupo de políticos desleais e simpatiza com as ideias de mudança social, auxiliando Ricardo em sua fuga.

Em passagem para o Coronel Teodoro, insatisfeito com toda a situação, principalmente com a prisão de pessoas inocentes e humildes, acaba por mandar a todos embora de sua propriedade. Na cena final, temos o pai, a mãe e a filha seguindo pelos campos queimados na invernoada, que agora se transformaram em cinzas, e ponderando sobre o discurso de mudança apresentado por Ricardo, algo que focava em uma distribuição justa dos recursos do Brasil.

[...] A mancha negra, vista a pé, impressionava muito mais. Dava medo, pela imensidão. A invernoada de luxo do Coronel transformara-se num deserto, sequer um ruído de bicho entre macegas. Nenhum cavalo, nenhuma rês, nenhuma avestruz naquela terra queimada, nenhum dorminhoco gingando naquele vôo de se desmanchar no ar saturado de cinza. Eles pestanejavam, esfregavam as vistas, tapavam o nariz, apuravam os passos, que rendiam pouco. O chapadão não tinha fim. Janguta, de fôlego curto, sentia a canseira aumentar. Era como se estivesse se afogando num mar de cinzas. As mulheres, mais fortes, se adiantavam. Viam o sol morrer, na tarde calma, num esbanjo de cores que era um mistério. [...] De repente, Janguta ergueu a cabeça, encorajado por uma lembrança. Recordara-se de Ricardo, das suas conversas, das idéias que tinha, sobretudo da sua esperança. Quando viriam os homens dos quais ele falava com tanta crença? Aqueles homens que, como dizia Ricardo, pensavam na gente e que um dia viriam pela estrada nova, a galope, alvissareiros, cortando os campos verdes, acordando os pagos, anunciando uma fartura de verão chuvoso, enriquecendo de alegria o coração dos pobres! (MARTINS, 1954, p. 190-191).

Já Coronel Teodoro, diante de tudo que viveu, abandona a Estância Velha nas mãos de seu capataz e, como os outros senhores de terra, estabelece-se em uma casa na cidade. Expressando “[...] estava com vontade de chorar. Chorar por conta da mudança, da saudade que iria sentir da sua casa, daqueles descampados, do seu umbu, dos seus cavalos, alguns envelhecendo junto com ele [...] do seu prestígio perdido” (MARTINS, 1954, s/p).

No meio disso tudo, a comunidade que esperava pela infeliz Revolução retomou a suas vidas de inércia, sem ao menos saber do que se tratava tudo aquilo que ouviram e presenciaram. “Em seguida tudo voltou à pasmaceira [...] num corredor de quarenta metros de largura, sem trânsito, rasgado entre invernoadas que se estendiam a perder de vista. Distâncias trêmulas, rescaldantes. Bom gado de corte, de um lado e de outro” (MARTINS, 1954, s/p).

Nas três obras, o autor apresenta a decadência da campanha, em que o pequeno produtor rural não tem espaço e nem esperança, pois são depostos das terras que arrendavam por não possuírem meios econômicos para adquiri-las dos donos, os quais as vendem para os grandes

latifundiários, algo que acaba por ocorrer com muita frequência em meados de 1910 a 1920. Com isso, a figura do gaúcho é exibida como aquele que perdeu sua aura, sua alma desnudada, não é mais um herói, o indomável homem do Pampa, passa agora a ser um sujeito sem lugar, sem terras, sem trabalho, passando por inúmeras privações. Em outro viés, temos também o grande latifundiário sem poder político. É um novo recomeço, de mudanças do homem do campo para a cidade. Os aramados transformam a paisagem da campanha, a modernidade chega aos campos do Rio Grande do Sul:

[...] os tempos fizeram... Tempos fazem tanta coisa! Hoje, por exemplo, os campeiros antigos, como o Janguta e seus descendentes que já mal conheceram o cavalo, andam estropeando os pés nos pedregulhos das cidades. E nós os fazendeiros, já não temos muito que fazer a cavalo, andamos de auto. Também vamos indo ou já estamos por lá. Engraçado, até parece que a campanha, aquela campanha linda e livre de se camperear de antigamente, assim que se demudava, foi enjoando os seus Jangutas e os seus Teodoros e tocando com eles rumo à cidade (MARTINS, 2008, p. 289).

As obras formam um conjunto de elementos que cercam a vida do homem campeiro sem aura, consistindo em rechaço social, na desesperança no futuro e na esperança de mudança. Em *Sem Rumo*, Chiru representa o homem do campo que foi abandonado por todos, tornando-se alguém não querido, silenciado em suas escolhas através das ações manipuladoras daqueles que possuíam o poder de reestruturar o Estado, ao final do século XIX, e criar uma comunidade imaginada em prol de feitos gloriosos, que não condiziam com a realidade da população. Chiru, em suas andanças, sempre rememorava o passado e no fato de ele se afastar dos sonhos que tinha tecido para si, restando-lhe apenas o fracasso de um homem sem bens e raízes:

[...] uma bruta saudade, grande como a lua, acendeu de supetão na alma do gaúcho. Uma gana de voltar pelos caminhos andados... De ser outro, de ser como contam que foram os gaúchos andarengos de antigamente. De ser o que de certo fora o seu pai, o índio vago... O que era ele, Chiru, o mascate, o lambe-espora? Um sotreta! E o que seria se vivesse naquele outro tempo, no tempo das adagas grandes, das pilchas prateadas, das onças sonantes, dos pingaços de lei, das distâncias sem fim? Seria um campeiro guapo, um andarengo, um valente! (MARTINS, 2008, p.106).

Apesar de não ter vivenciado esse tempo áureo do gaúcho, Chiru parte do ideal identitário criado, do homem do campo como glorioso, corajoso, um desbravador da natureza, que a cavalo defendia a terra e não estava sobre o jugo de ninguém, era livre. O ponto central da narrativa é, portanto, a discussão da identidade cultural do sujeito campesino.

Já em *Porteira Fechada*, temos como cerne a desterritorialização, a migração do homem rural para a cidade, o que modifica sua identidade e sua realidade, a ausência de pertencimento ao lugar, de não possuir espaço na construção do povo Riograndense, o gaúcho ideal. De toda forma, o autor constrói a narrativa de personagens que são opostos à visão idealizada do antigo gaúcho, os quais são homens sem cavalos. João Guedes é o representativo do gaúcho a pé, aquele que foi escorraçado das poucas terras que podia arrendar pelo latifundiário Júlio Bica e só teve como alternativa ir para a cidade, junto a sua família:

- Então, já sabe que lhe botei pra fora daqui? Guedes aturdiu-se com a nova, ficando a bolapé. [...] diante do desapontamento de Guedes, deixou-se tomar por um vago sentimento de remorso e de pena, meio arrependido do arranco inicial. Mas esse estado durou pouco. Em seguida, reagiu contra a própria fraqueza: “Que diabo, negócio é negócio!” Bobagens, sentimentalismos não abalariam em nada o seu plano: forçar o arrendatário a desocupar o campo o quanto antes, [...] Depois de uma pausa desagradável, Guedes indagou de seu Júlio se ele havia comprado todo o campo do Bento, ao que o outro respondeu que não, mas apenas duas quadras e meia, sobrando-lhe ainda outro tanto.

- E se desse pra me poupá?

- Eu já esperava que você me pedisse isso mesmo, mas não dá. Sinto muito. Eu comprei justamente pra tirar o bico que a meia quadra ocupada pelo senhor forma pra dentro do meu campo, deixando muito feia a minha divisa dos fundos.

- Pois o senhor endireita a sua divisa e continua me arrendando este pedacinho, que não lhe faz falta, e pra mim...

Também nesse ponto o fazendeiro não podia ceder, o aperto de campo era grande e ele precisava duma invernadinha meio grossa, como aquela, para o inverno e para os tempos de seca (MARTINS, 1944, s/p).

Nesse momento, temos a priorização do fator econômico sobre o fator humano. Apesar do latifundiário reconhecer que estava causando uma situação trágica para a família do pobre arrendatário, prevaleceu a possibilidade de mais ganhos financeiros ao se apossar das terras:

[...] Desamanchá-lo-ia, claro, antes que algum aproveitador se lembrasse de lhe pedir a morada. Aliás, em qualquer circunstância, não cederia o lugar a ninguém. Para isso, dispunha de um argumento poderoso, que todos respeitavam na campanha, ricos e pobres; aquele campo seria incluído na invernada de boi! E invernada de boi se respeita, porque esse bicho é delicado, não engorda com barulho, com trânsito... Além disso, posteiro não se usava mais (MARTINS, 1944, s/p).

Nessa passagem, o autor demonstra as arbitrariedades que aconteciam em um contexto de desigualdade social no Rio Grande do Sul, no século XX, em que o sujeito de posses sempre buscava o lucro em detrimento de um pensamento social, em que prefere dar aos bois o pequeno trecho de terra que uma família pobre conseguia arrendar e se manter com dignidade. Tal fato

não ocorre na cidade, onde eles passam por momentos delicados, os quais desencadeiam no fim da vida de Guedes. Com isso, o desfecho de *Porteira Fechada* apresenta a decadência humana, em que os personagens não conseguem seguir adiante e se adaptarem ao novo lugar, pois ainda anseiam por ser os gaúchos do passado. A cidade não tem espaço para a inclusão dos de fora, que ali chegaram sem nenhuma posse: “[...] Mas Boa Ventura não é somente a aldeia, esse miserável amontoado de biongos, essa coroa de miséria que cerca a cidade, onde a pobreza, a fome, a doença, a perdição e a vadiagem campeiam” (MARTINS, 1954, s/p).

O gado, que representava o trabalho de peão, da lida do campo e o poder dos estancieiros, passa a ser produto passível de furto, maneira desesperada que o personagem principal encontra de manter sua família “[...] A vista dos capões gordos dava-lhe cobiços. [...] O coração bateu desencontrado, como um cavalo que desmancha a galope. [...] Repugnava-lhe o roubo. Mas, [...] a própria Maria José o instigava ao furto, acoçada pela pobreza” (MARTINS, 1954, s/p). No momento da venda de seu cavalo vemos o declínio de sua moral, ao ter que se desfazer de seu companheiro de jornada, finalizando com o desespero ao se desfazer dos arreios e, assim, tornar-se de fato um gaúcho deposto de tudo, só lhe restando finalizar sua vida.

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, levando os seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil-réis. Cortava-se assim o último laço que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de gaúcho “de a pé” (MARTINS, 1944, s/p).

No último romance da trilogia, *Estrada Nova* (1954), o autor ainda está centrado na discussão da identidade cultural, daqueles que sofrem com a desterritorialização, mas agora em um movimento cíclico acompanhamos a introdução do sentimento de esperança de uma vida melhor e do reconhecimento da mudança, associando o hibridismo cultural das ideologias presente no contexto Riograndense e no mundo. O personagem de Ricardo simboliza a ruptura entre o campo e a cidade; ele é alguém que sai do campo e adentra a capital, superando as barreiras que foram intransponíveis para os personagens de Chiru e João Guedes.

Após a tragédia que ocorre com seu amigo¹³, Ricardo faz o movimento inverso e retorna ao campo, transpondo novamente a linha imaginária que separa o campo da cidade. Ele carrega consigo uma nova visão de mundo, construída em âmbito urbano, mas com aspectos remanescentes de sua identidade de homem rural, que se aviva à medida que vai reencontrando a paisagem que compõem suas lembranças do passado em meio à natureza. Em um trecho da história, vemos as atividades desempenhadas pelo personagem na cidade: “[...] fui operário de obras, ajudante de pedreiro [...] me encostei num escritório comercial, comecei a estudar e hoje sou contador. Não ganho mundos e fundos, mas, como vim até agora melhorando, espero que a sorte não mude [...]” (MARTINS, 1954, s/p).

Ficam evidenciadas as transformações sociais no Rio Grande do Sul, do século XX; a chamada modernidade está cada vez mais consolidada. Ricardo que era um campeiro, aprendeu na cidade outros ofícios, e por meio dos estudos acaba por ser tornar contador. Sua vinda para a antiga região rural em que morava torna-se um choque cultural, pois temos um sujeito que formou sua identidade em meio ao hibridismo das transformações local e mundial. Ele tem um embate direto com o Coronel Teodoro, símbolo da máxima de poder, o grande estancieiro dos pampas, que é orgulhoso pelo tanto de gado e terra que possui, garantindo-lhe assim prestígio dentro de seu círculo social, “[...] o primeiro olhar era para o campo, um olhar soberano e orgulhoso. Ali ele mandava. Aquilo era seu! O olhar perscrutador, olhar de dono [...]” (MARTINS, 1954, s/p).

A relação desencadeada entre Ricardo e Teodoro pode ser vista como o embate entre a mudança e a tradição, sendo que no primeiro contato já acontece uma situação de conflito, o despejo da família de Ricardo. Coronel Teodoro classifica Ricardo, por suas vestes, como um jovem que largou os pampas e se jogou na vadiagem da cidade grande, ao não usar mais as bombachas, “[...] Afastando-se do campo numa idade perigosa, os rapazes pegavam gosto pela vadiagem da cidade e, uma vez quites com o quartel, não queriam mais voltar para a campanha, sob a alegação de que era triste e sem futuro” (1954, s/p). Em vista dessa visão, temos a de Ricardo que argumenta sobre a situação do trabalhador do campo em que, “[...] Por que aqui [...], um cristão trabalha a vida inteira e chega a velho sem ter onde cair morto, como está acontecendo com o meu pai” (1954, s/p). Neste momento, o Coronel sente que seu poder está

¹³ O personagem de Policarpo é amigo de Ricardo, mas representa o campesino que não consegue aguentar a nova realidade social de viver na cidade e acaba por se suicidar com seu maneador, ferramenta utilizada nas lidas campeiras que fizera.

sendo questionado e isso o leva a crer que está vivendo outros tempos. Ricardo demonstra os saberes da nova política social, o que faz com que o Coronel o veja como um ser perigoso, alguém que pode romper com as tradições locais, já que ele é de uma classe social muito abaixo da sua. Com isso, ocorre a associação de Ricardo ao comunismo, com a finalização da prisão da família e a compreensão por parte de Coronel Teodoro que fora ludibriado e que o futuro estava se modificando:

O seu mundo desmoronava. De repente, tudo passara a indicar que já não seria mais o mandachuva da Estância Velha e redondezas, respeitado e temido, e a fazenda e ele e a sua gente e tudo mais que amara até aquele dia iriam seguir em breve o mesmo destino da árvore centenária que tombara sob a ação fulminante do raio ou do furacão (1954, s/p).

Sem embargo, os três livros se passam nos primórdios do século XX e mostram o Rio Grande do Sul em meio a crises humanas, econômicas e políticas. *Sem Rumo* contempla a retirada do pequeno produtor rural, do peão campeiro, do capataz e do tropeiro de seu lugar, o campo. Em *Porteira Fechada*, temos o caos humano, em meio à degradação e à humilhação constante de não ter como se sustentar e ter que ir para o caminho da marginalização, o abigeato e a prostituição, restando apenas o término da vida. Já em *Estrada Nova*, vemos que o estancieiro também migra para a cidade, por falta de mão de obra, por recursos e pela tecnologia que adentra os pagos. As grandes estâncias estão sendo modernizadas, as terras estão sendo subdividas e, nisso, as antigas relações sociais são desfeitas e, como consequência, ocorre o êxodo rural.

Os romances indicam e representam as mudanças sociais e as misérias do povo rural. As cidades aumentavam significativamente suas populações com a chegada dos camponeses, o comércio e a indústria eram os novos geradores de trabalho:

Privado das condições de vida que lhe modelaram o caráter, o gaúcho, não dispendo mais da fartura, do cavalo e da distância, decaiu como tipo representativo de um padrão de existência. Mas a culpa desse declínio não cabe somente à índole afeita ao espírito de aventura e de certo modo hostil à monotonia do trabalho duro e paciente, reclamado pelas novas circunstâncias do meio. Na verdade, as massas campeiras foram sendo pouco a pouco dispensadas – por que não dizer excluídas? – por desnecessárias, numa decorrência lógica do rumo que tomavam as lidas campeiras. Com efeito, o gaúcho pobre não foi chamado a participar do ciclo que se iniciava, de intensa comercialização da pecuária. Portanto, não devemos buscar as razões da penúria de hoje com exclusividade de vistas para a índole desprevenida do homem dos pampas (MARTINS, 1997, p. 27).

Cyro Martins aplica um olhar contrário ao que até então era produzido sobre o povo gaúcho. Ele desmistifica a realidade de glória e mostra uma versão real do que estava ocorrendo com o campesino, que se encontra às margens das transformações sociais, porque esse povo, em um ato de simbolismo, tem que desmontar de seu cavalo e começar a trilhar um novo rumo, dentro do espaço da cerceado da cidade. O campo que está se modernizando acaba por expulsar todos que só conhecem o ofício das lidas campeiras. O gaúcho que vai para cidade é o peão em decadência, sem-terra, que carrega consigo apenas lembranças do pago a que pertenceu, de um passado que não volta mais, uma tradição quebrada, uma identidade fragmentada, uma vida sem rumo, em que as estâncias fecham suas porteiras, mas que ao longo do caminho sempre surge uma nova estrada a seguir, a esperança.

Já na literatura uruguaia, na história do escritor Javier de Viana, em que o título da obra é *Gurí* (1926), com base no apelido do personagem principal, chamado Juan Francisco Sosa, o sujeito apresentava um biotipo atlético, mas era pequeno, um chiquillo. Ele possuía incrível força nas pernas, era destro e tinha habilidades em todos os manejos das lidas do campo. Em uma passagem, ele é descrito como um peão sem temor aos mais bravios dos animais que frequentavam os currais, era ágil em desviar das perigosas investidas das guampas. Mantinha sempre o semblante sério nos momentos de realizar algum feito a cavalo, mantinha-se sempre sereno, era distante dos alardes de admiração de seus companheiros de lida. Era um homem distante, seu amor próprio lhe bastava e alimentava a contento seus ímpetos narcisistas, que clamava sua autoestima. Um peão de poucas palavras, quase taciturno. Afinal, é bom "desconfiar siempre del hombre que habla mucho y de la mujer que habla poco". A sua vontade era xucra. Um patrão, que gostava muito de seus domínios e técnicas de campo, tentou ensinar-lhe as letras, porém Gurí não o aceitou, pois, ler não o ajudaria nada em suas funções de boleador, laçador, domador, campeiro e ginete; ele era um gaúcho nato, tinha confiança em si mesmo.

En diario contacto con la Naturaleza, era incapaz de advertir sus encantos, así como el hijo es quien menos sabe apreciar los méritos de la madre. No merecían una mirada suya el extenso llano verde salpicado de blancas, rosadas y amarillas florecitas de miquichí; ni las esbeltas lomas que corren paralelas á uno y otro lado del camino; ni la cinta obscura y vaga, interrumpida á trechos, que indicaba el Corrales, ya cercano; ni la otra cinta, más ancha y más negra, del Olimar, columbrado en parte; ni allá, más lejos, amurallando el horizonte, las puntas gríseas de las asperezas del Yermal y la serranía de Lago. Menos aún llamaban su atención el cielo azul, diáfano y puro, ni la caldeaba atmósfera, ni los rayos del sol que, al reverberar en las cuchillas sobre los pastos tostados, semejaban miríadas de insectos agitando sin cesar sus élitros

lucientes. Los panoramas iban pasando, uno tras otro, siempre diversos, siempre variados, pero con tal aspecto común de inmovilidad, de vida suspensa, que producían la sensación de una serie de vistas fotográficas. El paisanito salía de su abstracción sólo para emitir juicio mental sobre el estado de las pasturas del campo que cruzaba, sobre la gordura de la res que rumiaba á orillas del camino espantando sabandijas con el borbón de la cola y sobre las buenas ó malas cualidades del potro que, á su aproximación, corría bufando —aplanadas las orejas, enarcado el cuello, flotantes las largas crines incultas—, para detenerse á corta distancia, dando el frente como en son de reto y amenaza á quien atentase contra su salvaje libertad (VIANA, 1926, p.12).

Com um temperamento impulsivo, era praticante do isolamento individualista e voluntarioso, estruturado pela coragem que alicerçava seus passos nos caminhos da sua preciosa vida. Gurí muita a valorizava. O nascimento de Gurí deu-se pelas bandas do Cerro Largo, em Tacuarí, lugar semeado de grandes heróis e histórias que entrelaçam as tradições uruguaias. Seu pai foi um gaúcho rude e feroz, um oficial dos Blancos temido nas batalhas, na época dos Caudilhos. Sua morte foi de um guerreiro nas linhas de frente combatendo Timoteo Aparício. Sobre sua mãe nenhuma história se conta. Gurí só reconhecia que em suas veias corria o sangue de bravos heróis. Em seus vinte anos conheceu a cidade, mas não gostava, seu território era o campo livre, "la naturaleza inifinita en sua grandeza salvaje". Mas na cidade descobriu que tinha uma necessidade primitiva e orgânica, os desejos sexuais.

Conheceu a linda Clara, por quem nutria uma paixão feroz, baseada no prazer carnal. Desprezava-se por isso, pois a moça era prostituta e lhe caíam bem as beberagens, assim como a infidelidade. Toda essa situação era-lhe degradante como homem; pensava em, com o passar do tempo, interromper esse contato e, após inúmeras tentativas fracassadas, certo dia, disposto a um basta, abandonou-a e retornou à estância. Clara tenta reconquistar Gurí, mas ele a desmotiva, considerando-a um lixo. Ferida em seu orgulho de mulher, vários pensamentos conflitantes passam em sua cabeça, porém, recupera-se e serenamente acredita que ele retornará para ela. No entanto, chega aos seus ouvidos que o peão já está de romance com sua inimiga Josefa. Indigna com isso, Clara busca na magia negra da velha e ressentida Gumersinda um jeito de amarrar o amor de Guri a ela.

O desfecho do plano é interrompido pela irmã caçula de Clara, Paula. A criança nutria um imenso carinho a Gurí, que sempre lhe presenteava com balas. Ela conta a ele sobre o trabalho de magia negra, que consistia no uso de um lenço que ele havia presenteado. Desesperado, pois acreditava nos saberes dos ancestrais e nas magias que usavam, ele parte para o rancho de Clara e não encontra o lenço; no lugar, há uma forte discussão e ambos se

agridem, Gurí não a mata, pois seria covardia um homem matar a uma mulher. O temor à magia encomendada por Clara ronda por um tempo a cabeça de Gurí, mas, com os serviços da estância, acaba por esquecer. Seus esforços são colocados no treinamento do cavalo de carreira confiado pelo estancieiro do Rincón de Ramírez. Foi um festeiro, a final da carreira o vencedor é o colorado montado por Gurí. O campeão chama a atenção da moça faceira, Rosa, com quem Gurí já tinha flertado, e a conquista é certa. Mas, na mesma noite de triunfo, o tempo já se armava em tempestade, abaixo do centenário Ombú, local da magia negra. Em seus pensamentos conflitantes, o temor retorna e o peão tem medo da maldição, de perder sua virilidade; os pensamentos atingem seu emocional e ele acaba sem seu encontro com Rosa envergonhado.

Gurí se entrega à depressão, acredita piamente na magia que lhe foi preparada, já não é mais homem, nem peão, muito menos gaúcho, só deseja alcançar a morte; abatido e acometido pela febre, ele padece. O velho curandeiro, pardo Luna, reconhece que foi magia, pois já tinha visto muitas vítimas assim. Gurí, aos poucos, ia esmorecendo; uma árvore que secava a cada dia, pensava o patrão. Em seus momentos de lucidez, o peão lembra de um caso parecido ao seu e como se sucedeu o trabalho:

primero, cuatro puñales clavados en cruz en la puerta del rancho; después, una vieja - la vieja Gumersinda- pasando una aguja virgen enhebrada con un hilo rojo, y virgen también, por los ojos de un sapo verde, y haciendo luego con ella siete cruces en un pañuelo -su pañuelo blanco- que después era quemad, a media no- che, sobre una fogata hecha con yerbas verdes y propiedades maléficas. De ese modo, desaparecida la prenda, no ha'bía modo de deshacer el embrujamiento (p.72).

O ato simbólico da magia estava vinculado, em sua eficácia, ao desejo atrelado às ações da magia, realizada com diferentes ritos e operações que imitam gestos considerados maléficos. Assim, o pensamento é o ato e a imitação de um ato acaba por ser tornar algo real no espírito do homem, e Gurí era um claro caso em que o desejo da magia negra se tornava a morte. Em seus últimos momentos de parca lucidez, Guri alcança a nostalgia de tudo que ainda viveria e o que já tinha vivido, da liberdade que encontrava sobre o cavalo nos campos infinitos, porém, placidamente, reconheceu com calma que descansaria nos doces braços de sua mãe. No romance *Gurí*, temos apresentação de um biotipo de peão campeiro, que não considera a cidade como o seu lar, que no campo domina todas as técnicas e é reconhecido por isso, apresentando honra, coragem e acima de tudo orgulho, um orgulho que se definhou ao ser questionado em

sua hombridade. O romance tem sua base em uma interpretação naturalista da realidade do peão gaúcho que sempre é marginalizado, está às margens da nova sociedade e, por isso, deixa-se dominar por algum vício. O ambiente influencia diretamente na sua condição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes produções interferem diretamente na relação homem e natureza, tornando-se algo sintético, se perde a aura. Não há mais as bucólicas paisagens de campo aberto, o homem cruz-altense não irá mais em seu cavalo percorrer terras sem fins, agora é cercado pelos arames e pelos maquinários pesado, sua força já não é tão necessária, a tecnologia o substitui paulatinamente.

Por meio dos contos apresentados, vemos o peão tropeiro contemporâneo como um gaúcho a pé, que também passou a vida trabalhando nas grandes estâncias, exercendo diversas atividades da lida campeira, mas que não conseguiu manter-se no campo, não possuía terras próprias e, de certo modo, foi expulso desse lugar pelas artimanhas da vida, seja pelas dificuldades de manter os filhos nas escolas, pelo fato de ser peão mais velho, por não encontrar mais emprego como peão, por estar cansado da vida laboral, enfim. A vida laboral do peão não é fácil, mas traz uma memória gratificante.

A forma que os peões encontraram de manter suas identidades de homens do campo ativa foi através da guasqueria, do cavalo, das atividades rurais que consegue exercer no espaço urbano, como a doma, em permanecer no galpão, que criam e fortificam o elo que une a fronteira do passado/rural e do presente/cidade. Por meio desses ofícios, o antigo peão tropeiro ainda está envolto em seu universo simbólico, na preparação dos arreios, na cevada do mate, na proximidade com o cavalo, na ocupação de seu galpão (ateliê) e no trançado do couro, na engraxada das botas, na verificação dos afazeres e assim por diante.

Mesmo cercado pela paisagem da cidade, incluso nas relações sociais estabelecidas nos centros urbanos, o tropeiro é um gaúcho a pé, mas conseguiu transportar a barreira cultural existente entre o campo e a cidade. Muitos ainda permanecem com os hábitos adquiridos no campo, como acordar junto ao raiar do sol, vestir a bombacha e a bota, acender o fogo no fogão a lenha, para esquentar a água do chimarrão, sentar-se a sovar uma tira de couro e depois ir as cocheiras.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: editora Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, Cyro. **Sem Rumo**. 2a. Ed. revista. Porto Alegre: Movimento, 1977.

MARTINS, Cyro. **Porteira Fechada**. Trecho retirado do site http://www.celpcyro.org.br/v4/Fortuna_Critica/dramaHomensSemTerra.htm. 2008b. Acesso: em 29 de março de 2023.

MARTINS, Cyro. **Estrada Nova**. Apresentação e notas de Flávio Aguiar. Ed. Comemorativa centenário de Cyro Martins. Porto Alegre: Território das Artes: CORAG, 2008.

NETO, G. H. De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. Texto de **dissertação de mestrado**. UFSM; Santa Maria, 2009.

NETO, G. H. **O Vaqueano**. Disponível em: www.virtualbooks.com.br.

ZAMBERLAM, J.; BAIOCCHI, M.; FLORÃO, S.R. **Cruz Alta**: as perspectivas do desenvolvimento-um estudo socio-econômico prospectivo. Aprocruz, Cruz Alta, 1989.